

VIDAS NO TRÂNSITO IMPORTAM

J. Pedro Corrêa¹

“**U**m mundo diferente não pode ser construído por pessoas indiferentes”. A frase do líder religioso americano Peter Marshall é, ao mesmo tempo, um alerta e um conselho a vários povos ao redor do mundo que não perceberam para onde estão indo. Uso as palavras do pastor americano, para chamar a atenção da sociedade brasileira, para a apatia com que se acompanha a escalada de mortes e feridos no trânsito nacional ao longo das últimas décadas. Milito nesta área há 30 anos, faço parte de vários grupos de discussão sobre trânsito, tenho participado de algumas dezenas de debates e não me ocorre que tenha visto tão poucas discussões sobre o número de vítimas de sinistros de trânsito.

Nunca se falou tanto de trânsito como ultimamente, mas é estranho que nos dedicamos tão pouco a debater e aprofundar o entendimento de porque estamos nesta posição tão desvantajosa no ranking da sinistralidade. Os meios de comunicação falam de trânsito a toda hora; a mídia social aborda o tema diariamente; o trânsito é assunto de seminários e debates com grande frequência; mas, vejo poucos debates para levar a sociedade a compreender os números e discutir sobre como sair desta situação desconfortável.

É possível que alguns leitores respondam a esta provocação alegando que o Brasil não está numa posição tão ruim assim no ranking mundial de vítimas de trânsito: o país registra cerca de 20 mortos por grupo de 100.000 habitantes, enquanto algumas nações africanas passam por bem mais de 30, mas é bom lembrar que nos países escandinavos este número está próximo de 3 mortos.

As poucas campanhas de comunicação não informam números; quando falam de redução de mortes, dentro dos objetivos das Décadas Mundiais de Trânsito,

¹ JPC Communication – Contato: jpedro@jpccommunication.com.br – Publicada originalmente em: – Publicada originalmente em: Educação, trânsito e mobilidade num mundo em constantes mudanças v. 1 n. 1 (2021)

mencionam “50% a menos”, mas não mencionam qual é o número atual de vítimas, nem qual o número pretendido para 2030. Na verdade, um dos males no setor de trânsito é a paupérrima divulgação das estatísticas da área. Ora, se desconhecemos os números do trânsito, por que deveríamos nos preocupar?

A desatenção a esta realidade é apenas um exemplo do ainda baixo índice de cultura de segurança no trânsito da sociedade brasileira. Mesmo pessoas que dedicam boa parte do seu cotidiano a falar de trânsito, parecem que não se preocupam com o pouco caso que o próprio governo e a comunidade fazem do assunto. A falha é, em boa parte, nossa, daqueles que se preocupam, trabalham com o trânsito e não conseguem colocá-lo no centro das discussões.

É preciso salientar que VIDAS PERDIDAS NO TRÂNSITO IMPORTAM e, é nossa obrigação combater esta indiferença, com alertas e discussões adequadas. Se provocarmos uma discussão nacional como esta, todos acabarão ganhando. Não há dúvida de que, se tivermos políticas públicas focadas na segurança no trânsito, teremos outro tipo de tratamento, nosso comportamento nas ruas e estradas será diferente, mais seguro e, certamente, o número de vítimas significativamente menor.

Torço para que muitos dos amigos, colegas e profissionais que se dedicam ao trânsito, sejam organizadores de *lives*, debates, eventos ou simplesmente deles participantes, que adotem uma posição de combate a esta indiferença, criando estratégias para colocar nosso trânsito “na mão certa”. Posso garantir que não é algo impossível, pelo contrário, é uma tarefa (ou missão?) bastante motivadora, nobre, notadamente se for compartilhada por um grupo de pessoas dedicadas e atuando nas várias regiões do país, em diferentes esferas.

É preciso dizer que várias cidades e regiões brasileiras estão se esforçando bastante para reduzir os sinistros de trânsito e já apresentam resultados expressivos. Algumas, inclusive, atingiram as metas da 1ª Década Mundial de Trânsito, de 2011 a 2020 e já estão em ação para atingir mais 50% de redução de vítimas de 2021 a 2030, na 2ª década. Um tipo de ação que já deu certo é o Programa Vida no Trânsito, que existe desde 2011, e já se mostrou eficaz em inúmeras capitais e cidades do interior, e está aí para comprovar que, com organização, entrosamento e deixando vaidades institucionais de lado, é possível, sim, chegar a resultados promissores. O trânsito

brasileiro pode ser muito melhor do que o que temos hoje. O número de vítimas pode e deve baixar para, um dia, chegar à zero. Basicamente, o desafio está em saber qual é o número de vítimas na nossa cidade, saber que temos de reduzi-lo pela metade até 2030, e haver comprometimento do governo e sociedade com um plano de ação efetivo.

Um mundo diferente não pode ser construído por pessoas indiferentes, é um alerta importante e oportuno para cada um de nós, como cidadãos brasileiros. Temos o dever de nos insurgir contra esta realidade. Afinal, vidas perdidas no trânsito importam!